

ENTREVISTA

ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS

# Um cineasta combativo

SUSANA RIBEIRO MARTINS

«Este País é uma pasmaceira», garante António-Pedro Vasconcelos, 64 anos, citando uma personagem de *Os Imortais*, o novo filme com que regressa às salas após quatro anos de ausência. Quase sempre polémico nas acusações que dispara em todos os azimutes, o cineasta acredita que «é preciso sacudir as pessoas mesmo quando se exagera». Em entrevista ao JL, assume-se como um «dissidente» do sistema, contra os subsídios, defende a criação de uma indústria para o cinema português e fala de um grande projecto.

**C**ineasta da geração de João César Monteiro, Paulo Rocha e Fernando Lopes, António-Pedro Vasconcelos estreou-se na longametragem com *Perdido por Cem*, em 1973. Desde então, foi produtor, editor da revista *Cinéfilo*, e realizou vários filmes, entre os quais, *Oxalá* (1980), *O Lugar do Morto* (1984), que na altura foi um êxito de bilheteiras, e o mais recente, *Jaime* (1999). Uma obra reduzida e cheia de longos intervalos, a que se junta agora *Os Imortais*. Entretanto, dá aulas na Universidade Moderna e na ACT – Escola de Actores, mas o que gostava mesmo era de ser cineasta profissional e contar mais histórias pois «a ficção tem uma função única na vida das colectividades».

**JORNAL DE LETRAS** – A estreia de *Os Imortais* apontava para Abril...  
**ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS** – O projecto inicial de *Os Imortais* durava quase três horas porque não fui capaz de cortar no argumento. Acabei por remeter para a montagem a decisão sobre a forma final, o que é sempre um pouco estúpido porque gasta-se dinheiro em cenas que vão para o lixo. Há cenas que sacrifiquei sem remorso, outras que me custou muito mas não tinham lugar no filme. E fiz *screenings*, isto é, mostrei o filme em



ANTÓNIO PEDRO DE VASCONCELOS: DEPOIS DE OS IMORTAIS SINTO QUE TENHO UMA PEQUENA OBRA. SE MORRESSE AGORA JÁ TINHA VALIDO A PENHA.

FOTO DE JOAO RIBEIRO

projeção ainda sem misturas, para um público variado, e pedi-lhes que me apontassem o que não perceberam ou onde é que se aborreceram. A pouco e pouco, comecei a perceber que tinha encontrado a forma final. Por tudo isto, a estreia atirou para a *rentrée*.

**JL** – E está em boa companhia porque, até ao final do ano, contam-se 11 estreias portuguesas...

**A-P.V.** – Há um público mínimo de fiéis para o cinema português, que são mais ou menos os espectadores do programa *Acontece*, e pessoas que vão sempre ver os filmes portugueses. Depois há o público normal que é o que eu gostaria de ter, que não vai ver cinema português por culto ou condescendência. Simplesmente, procura o que as pessoas procuram num filme: emoções. E há vários aspectos em *Os Imortais* que podem interessar as pessoas. Um deles é que conta uma história e essa foi sempre a minha preocupação. Para além disso, fala da guerra e as suas sequelas, que é um dos temas clássicos da ficção, do Homero ao John Ford. Já passou uma geração que viveu directamente a guerra colonial, há a dos pais, muitos dos quais já morreram, e há a dos filhos que testemunharam os seus efeitos. Por isso, tenho muita esperança de que as pessoas elejam *Os Imortais* como um dos filmes que querem ver.

**JL** – Preocupa-o a reacção do público?

**A-P.V.** – Quando o filme estreia, gosto de ir às salas e de falar com as pessoas nas bilheteiras, depois desligo-me. Neste momento, *Os Imortais* é um bom pedaço da minha vida, em que envolvo tudo o que sou. Depois dele sinto que tenho uma pequena obra. Se morresse agora já tinha valido a pena. Nos meus primeiros filmes havia personagens que eram o meu *alter ego*, neste estou em cada um dos personagens. Há uma maior maturidade. Sou um leitor de

## A EXPIAÇÃO DOS GUERREIROS

RUI DE AZEVEDO TEIXEIRA

**P**artindo da novela de mistério *Os Lobos não Usam Coleira*, de Carlos Vale Ferraz, António-Pedro Vasconcelos, em *Os Imortais*, no seu trabalho de transcodificação intersemiótica do literário para o fílmico, torce o programa semântico da novela (“uma saga peganhenta”) no sentido de mais humor e humanismo, um humanismo silencioso, viril. Vasconcelos, um realizador da velha escola que desconfia do circo artístico e acredita na eficácia sóbria e nas histórias fortes, em *Os Imortais*, faz em última instância um estudo da dor, essa categoria do silêncio tão menosprezada pelo ruído pós-moderno. Polarizando núcleos temáticos de crime e castigo, com uma distância entre os dois de mais de dez anos, o filme mostra a neurose de guerra de quatro antigos comandos, revela as suas sombrias memórias de um tempo de alta violência – de guerrilheiros duros de matar mas também de morte fácil, de massacres, cujo sangue, se lhes manchou temporariamente as botas, enegrecer-lhes para sempre a alma e expõe o modo como vazam a sua psicopatologia clínica. Estes predadores, que foram selvaticamente treinados e lançados como *dog soldiers* sobre os guerrilheiros, recusam tornar-se animais domésticos, como diria Nietzsche. Sob uma capa de cidadãos vulgares, com vidas pacatas e azedas, são na sua realidade subterrânea turbulentos e vorazes. E, uma vez por ano, reúnem-se, com vagar, copos e “gajas”, para recordarem o tempo

das armas, esse passado que não passa, e, na passada, assaltarem bancos. Pretendem, deste modo, continuar a grande aventura militar africana, mas é já só uma aventura civil, a rodopiar no vazio. O equilíbrio inquieto e inquietante das suas vidas duplas terá fatalmente de entrar no plano inclinado da desgraça, de desfazer-se num vórtice de descalabro e perdição. Assim, de antigos caçadores de guerrilheiros, este fechado grupo, baixando muito de patamar, acaba por se tornar objecto de caça de um velho inspector da Judiciária, Malarranha, um virtuoso da guitarra e da compreensão dos homens. Com uma fotografia de grande imediação, uma música diegética que, metaforicamente, cobre bem a história, uma linguagem sem ademanos de câmara e uma montagem viva, de pragmatismo americano, tão contrária à dos nossos filmes contemplativos, pasmados, *Os Imortais* é uma obra tecnicamente impoluta – consabida raridade no cinema português – e dramaticamente vibrátil. Com um “radical de representação” oculto – a demiúrgica mão de Vasconcelos é soberbamente invisível –, o filme mescla quantidades equilibradas de humor, pausas dialógicas reflexivas e acção bruta, sempre verosímil, outra *extravagância* no nosso cinema. Estruturalmente fendido em dois mundos (a espaços, em desenho sinusoidal, como as conversas entre Malarranha e Pratas ou Alua, o chefe dos comandos), a obra constrói os universos do inspector – um Nicolau Breyner soberano, sabedor do mundo – e do bando de quatro –

São Paulo e acho que nesta história há um lado de redenção. Os filmes precisam de transmitir o sentimento de que apesar de tudo a vida vale a pena. Não acredito no Céu e no Inferno, mas acredito no céu e no inferno na cabeça e na alma das pessoas, porque nós também somos o que cá deixamos e a nossa eternidade é o que os outros pensam de nós.

**JL – O projecto inicial de *Os Imortais* surgiu há uma década. Porque é que levou tanto tempo a realizar?**

**A-P.V.** – Tive dificuldades em conseguir o apoio do ICAM. Entretanto, houve um interregno, em que pensei em deixar o País, o cinema e, finalmente, recomecei com o *Jaime*. Sou totalmente contra os subsídios e hoje em dia os financiamentos ao cinema têm uma única fonte, o ICAM, e um apêndice, que é a RTP. Este filme era um filme caro cujo orçamento excedia esse financiamento, por isso estive mais três anos para reunir o resto do dinheiro.

**JL – Se é contra o sistema de subsídios, porque é que concorreu?**

**A-P.V.** – Se quero fazer cinema em Portugal, não tenho outra solução. Mas protesto há anos e anos contra esse sistema de completa parasitagem que acaba por se virar contra imensos realizadores com talento em Portugal. O cinema subsidiado pelo Estado só acontecia na União Soviética e nos países satélite. Em Portugal, há toda uma corrente que precisa que se olhe para o sector de um ponto de vista ecológico, como se o cinema português fosse uma espécie de lince da Malcata, em vias de extinção, que é preciso proteger dos predadores industriais. E isso só acontece se os filmes portugueses tiverem muito pouco público e se, ainda por cima, houver críticos a dizer que são geniais...

**JL – Qual, então, o papel do Estado?**

**A-P.V.** – O Estado tem que regular o mercado para impedir que se pervertam as regras da concorrência. Não pode haver concentração vertical, isto é, um produtor que também é distribuidor e exibidor que ponha em perigo o justo funcionamento do mercado, e não pode haver concentração horizontal, alguém que detenha a maioria das salas ou dos títulos. Um segundo passo é fazer discriminação positiva, porque o cinema português tem capacidades limitadas para concorrer com os grandes filmes americanos, cuja percentagem em Portu-

gal é enorme.

**JL – Temos também outras cinematografias europeias e não só.**

**A-P.V.** – Mesmo assim, há uma série de filmes que correm o risco de nem sequer serem exibidos, ou serem-no em condições muito desfavoráveis. No momento em que o mercado estiver regulado, as coisas funcionam e depois, as pessoas decidem o que querem ver. Porque o cinema é uma arte popular, é para ser vista pelo máximo de espectadores possível, até porque é cara. Por exemplo, em 2001, os 16 filmes portugueses estreados só fizeram 0,4 por cento do total de espectadores.

**JL – Ainda não há públicos firmados para o cinema português?**

**A-P.V.** – Resta saber se o problema é do público ou dos filmes... O que estou a dizer é que um filme envolve muito dinheiro e se fizer 1000 espectadores, quer dizer que cada bilhete custou 150 contos. O Estado tem que criar condições para que se produzam filmes portugueses e para que cheguem às salas. E como a indústria não nasce espontaneamente num mercado completamente abafado e no qual, desde o 25 de Abril de 74, ninguém mexeu, o Estado deve criar uma massa crítica de financiamento para que comece a existir. Também é preciso multiplicar as fontes de funcionamento e de decisão e criar uma rede de produtores independentes que decidam que filmes querem fazer. Depois, o Estado tem um papel supletivo, para cobrir o défice de mercado, quando esse dinheiro não chega para produzir o filme. Há ainda um certo tipo de filmes, no plano do documentarismo e da animação, por exemplo, para os qual não há mercado, e é difícil inventar um. Aqui o Estado deve intervir e criar acordos com as escolas, até porque isso permite descobrir talentos. O mesmo se passa em relação a um tipo de cinema mais marginal, de vanguarda, que é importante que exista, e para o qual o Estado tem que ter uma

bolsa de financiamento. Mas eu estou a falar do *mainstream*. Porque só onde há *ground* é que há *underground*. Temos que criar o nosso *mainstream* de cinema português.

**JL – Mesmo assim, há quem trabalhe a criação de públicos para filmes que, há uns anos,**

**se calhar não duravam uma semana nas salas, como o Paulo Branco.**  
**A-P.V.** – O Paulo Branco não furou o sistema. Tiro-lhe o chapéu, ele pôs o sistema a funcionar a seu favor.

**JL – Se na sociedade surgisse mais gente como ele, essa dinâmica de indústria não poderia surgir?**

**A-P.V.** – A sociedade civil não tem expressão, a não ser através dos partidos, e os partidos são complacentes. A partir do momento em que existe o Ministério da

Cultura – que é outra das coisas que não devia existir em Portugal, porque não faz qualquer sentido –, há um ministro que tem um saco de dinheiro que distribui por quem chora mais. São pouquíssimos os realizadores que têm a sua própria produtora porque depois não têm como distribuir e exhibir os seus filmes. Tenho 64 anos e 40 de cinema, dos quais 30 em li-

berdade, e sou profundamente pessimista. Gostava que houvesse condições em Portugal que me permitissem ser profissional de cinema. E, então, se os meus filmes fossem maus, teria que encontrar outro modo de vida. Mas o que é isso de um filme bom?

**JL – E os festivais que anualmente premeiam filmes de todo o mundo?**

**A-P.V.** – Mas o que é que são os festivais? O cinema português nem tem prémios nesses festivais. Deixemo-nos de mistificações, não há um cineasta português que seja idêntico ao Almodóvar. A não ser dentro de duas ou três revistas, festivais, e dentro de certas elites, o nosso cinema não marca ninguém nem cá nem lá fora.

**JL – Revê-se na sua geração de cineastas? A-P.V.** – No princípio, a minha geração foi extraordinária na crítica, no que buliu com o sistema. A partir dos 30, 35 anos, afastei-me porque acho que eles escolheram o caminho mais fácil.

**JL – Quais são as próximas histórias que quer contar?**

**A-P.V.** – O meu grande projecto é *O Jovem Marx*, que é o último argumento que o Rossellini queria realizar mas morreu antes de o poder fazer. Há a sinopse desenvolvida, e eu compreí os direitos da história. Sou um rosseliniano e gostava de contar a história da vida desta figura e do seu encontro com Engels, até à escrita do Manifesto. Mas esse é um projecto internacional porque é caro e vai levar uns dois ou três anos.

**Em Portugal, há toda uma corrente que precisa que se olhe para o sector de um ponto de vista ecológico, como se o cinema português fosse uma espécie de lince da Malcata, em vias de extinção, que é preciso proteger dos predadores industriais**

Alua, um Joaquim de Almeida que carrega a culpa, o massacre íntimo depois dos massacres feitos em África, a matéria nobre da tragédia; Lobo, um Rogério Samora maldosamente machista, parecendo ter entrado no filme vindo directamente de *O Delfim*; Mano, um gago de briga; e Pratas, um Rui Unas vagamente proxeneta, piadético e perito em expedientes, o único que fica indecentemente vivo e bem.

Neste filme de caça ao homem impecavelmente sequenciado de ocultações e revelações, Malarranha, fascinado pelas suas presas, particularmente por um Alua poderosamente silencioso, antes da "aterradora" confissão final – um exemplo clássico de herói de poucas falas, da extrema masculinidade que ronda o autismo –, acaba por cumprir a máxima do caçador que se torna na coisa caçada. Assim, desvenda o mistério, resolve o problema do filme, mas não passa a solução à "Judite". Os viciados da guerra, que tudo deram de si em Moçambique – e nessa dádiva corromperam-se até ao amágo –, acabam por se perder na paz, encontrando-a apenas no calmo reino da morte. Malarranha constata que a lamacenta glória da guerra foi para três dos comandos a mãe do seu fim inglório.

Neste filme de homens, com um traço misógino a tocar no Freud que diz ter sido a natureza madrastra para as mulheres porque não têm a capacidade de simbolizar o homem – "Vocês não percebem nada do que se passa no coração dos homens, não é?", diz Malarranha à noiva –, ironicamente, é um par de lésbicas que leva a melhor. Maria Rueff, singularmente sinistra, e Alexandra Lencastre, sedutoramente dependente, levantam o problema, sopram, aqui e ali, doses de veneno tático, deixam, a bom recato, que resolvam o caso e acabam por ficar com a maior fatia do bolo da história. Por sua vez, o homem trágico do filme, aquele que coagula o sentido central da história, num dos mais terrivelmente belos suicídios do cinema, numa cena de transcendência imensamente vazia (uma unidade narrativa que não deriva da diegese da novela de Ferraz), ao amanhecer, numa praia, fechando o seu círculo de dor, rebenta-se com uma granada, não sem antes afastar, salvando-o, um cão rafeiro.

#### UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO PESSOAL

**Percursos da Cultura na Antiguidade Clássica**  
Paulo Patrício Alberto, Faculdade de Letras da UL  
26 de Novembro, 9, 12, 15 e 16 de Dezembro,  
das 17h30 às 20h45  
Duração: 18 horas – Proposta: 100 €  
Local: Restoira

**De Hamlet a Kafka - Grandes Mitos da Imaginária Cultural Europeia**  
João Medeiros, Faculdade de Letras da UL  
2 e 5, 9 e 10 de Dezembro, das 17h30 às 20h30  
Duração: 18 horas – Proposta: 100 €  
Local: Restoira

#### Geografia da Sociedade do Conhecimento e da Aprendizagem

Teresa Alves, Departamento de Geografia da Faculdade de Letras da UL  
20 e 25 de Novembro, 4 e 11 de Dezembro,  
das 17h30 às 20h30  
Duração: 12 horas – Proposta: 75 €  
Local: Restoira

#### UNIVERSIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

##### Gestão de Projectos, Marketing e Comunicação em Ciência

Álvaro Odras, Colaborador da UL  
24 e 25 de Novembro, 10 a 12 de Dezembro,  
das 14h00 às 20h00  
Duração: 20 horas – Proposta: 200 €  
Local: Restoira

##### Novas Tecnologias e Cidadania na Sociedade da Aprendizagem

Mário Franco, FII (Fundação para a Divulgação das Tecnologias de Informação)  
9 e 11 de Dezembro, das 17h30 às 20h30  
Duração: 9 horas – Proposta: 100 €  
Local: Faculdade de Ciências (Vale University)

##### Alternativas Económicas - do Competição à Cooperação

CIAC - Centro de Informação e Documentação Amílcar Cabral  
2, 3 e 5 de Dezembro, das 17h30 às 20h30  
Duração: 9 horas – Proposta: 100 €  
Local: Restoira

**Formação ao Longo da Vida**  
Cursos de Outono 2003



Formação ao Longo da Vida  
Fundação da Universidade de Lisboa - Restoira  
Alameda da Universidade, 1649-004 Lisboa  
Tel: 217 937 997 - Fax: 217 939 193  
e-mail: fv@restoira.ul.pt - www.ul.pt/vf

Apoios



Design: Lúcia Araújo (GCP - Restoira)